



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9838 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

Dar, receber e retribuir: Processos formativos e Dádiva na comunidade de Software Livre e Código Aberto

Paulo Farias Camelo Filho - UFC - Universidade Federal do Ceará

Eduardo Santos Junqueira Rodrigues - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Dar, receber e retribuir: Processos formativos e Dádiva na comunidade de Software Livre e Código Aberto

Resumo. Esse estudo, de caráter qualitativo, constituiu uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo principal examinar a rede de colaboração, a troca de saberes e os processos formativos informais que ocorrem no ambiente mediado por computador em torno das comunidades de Softwares Livres e de Código Aberto. As interpretações das ações dos atores no processo e no modo como desenvolvem suas atividades foram analisadas a partir de perspectiva teórica elaborada por Marcel Mauss e atuais releituras sobre a Dádiva, um sistema de trocas interpessoais que toma por base a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir. A pesquisa constatou que os processos formativos da comunidade estudada apresentavam características comuns às trazidas pela teoria da Dádiva, porém com importantes diferenças no contexto do ciberespaço, dentre elas as trocas que ocorrem entre desconhecidos e a imprevisibilidade dos encontros em ambiente virtual.

Palavras-chave: Processos formativos. Teoria da Dádiva. Comunidades virtuais.

Introdução

O chamado Movimento de Software Livre e de Código Aberto tem despertado a atenção de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento. Partindo do seu campo nativo, a Ciência da Computação, onde se originou, passando pelas novas Ciências da Informação, Comunicação, Direito, Economia, Filosofia, Ciências Sociais e Educação. Esse interesse geral advém de vários fatores, especialmente pelo desafio matriz proposto por seus agentes, de compartilhar livremente o código-fonte de programas para computadores. A característica de disponibilizar o produto do trabalho para todos, sem qualquer exigência, nem mesmo pagamento, confronta com o modo de operar do sistema econômico vigente, onde não

há espaço para a “coisa dada”.

Além dos impactos econômicos, jurídicos e técnicos, desperta atenção a rede de colaboração de usuários que se formou em torno dessas tecnologias classificadas como livres, tendo como pano de fundo as comunicações mediadas por computadores no ciberespaço, promovendo processos formativos, muitas vezes informais e aleatórios, que, em primeira vista, envolvem questões éticas relacionadas à detenção e o uso do conhecimento como mercadoria e a um conceito de liberdade relacionado ao compartilhamento de saberes. Mas também o desenvolvimento colaborativo em rede desses softwares. O estudo procurou entender e examinar alguns desses processos formativos e o impacto social da comunidade, que gravita em torno dos softwares livres.

O que se entende quando pensamos em Comunidade de Software Livre é bastante amplo, pois envolve desde empresas, programadores, cientistas e até governos. Mas o que despertou interesse para a pesquisa foram os usuários com formação construída nas comunidades online, que exerciam suas profissões em áreas diferentes da informática, mas com experiências acumuladas, com presença frequente em fóruns e sites especializados, resolvendo dúvidas ou ajudando outros com problemas já vivenciados por eles. Muitos mantinham seus próprios blogs e compartilhavam suas experiências, dando dicas de como operar programas e sistemas abertos. Eram fervorosos defensores do software livre. Não eram programadores e muito menos usuários comuns, na linguagem nativa se autodenominavam entusiastas.

As ações de dar, receber e retribuir foram observadas nos processos formativos em rede nessa Comunidade, e no caso da dissertação apresentada, em um Grupo específico dentro dela, como será visto adiante. Para entender o que isso significa, serão apresentados, a seguir, aspectos da teoria da Dádiva do antropólogo francês Marcel Mauss e algumas relações entre essa e as questões e contexto de pesquisa.

1. Referencial teórico: Dar, receber e retribuir

Na pesquisa trabalhou-se com uma pluralidade de campos do saber, em especial a Antropologia do Ciberespaço (HINE, 2011; LEWGOY, 2009; RIFIOTIS, 2012) e a Educação (ROCHA, 2013; SABOURIN, 2008), que dialogam a todo instante. Embora Mauss não tenha vivenciado os fenômenos do ciberespaço, o que ele deixou para a compreensão de como as pessoas e os grupos formam e mantêm sociabilidades ajuda a entender as relações dos atores que fazem uso da internet e das tecnologias computacionais para se conectarem e vivenciarem experiências formativas, laços e alianças, como os dos sujeitos que foram pesquisados neste trabalho.

Em sua obra mais famosa, o Ensaio sobre a Dádiva (2008), Mauss verificou que havia um sistema de prestações, de trocas que são ao mesmo tempo voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, mas que se apresentam simultaneamente úteis e simbólicas (MAUSS, 2008, p. 54). Estas prestações eram pautadas em três momentos: dar, receber e retribuir. As perguntas que Mauss procurou responder foram: qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído?, e ainda, que força há na coisa dada que faz com que o donatário a retribua?. Assim, ele sistematizou seu ensaio demonstrando, através de comparações entre povos de diferentes períodos e regiões, como se dava a dinâmica dessas prestações, ou seja, como a Dádiva se constrói.

As ações de dar, receber e retribuir são mais importantes do que os objetos que circulam, pois são as relações que ocorrem nesses momentos que importam para reforçar os laços sociais. Não há garantias de retorno da coisa dada, essa incerteza faz parte dos mecanismos que provocam vínculos. Tampouco existe obrigatoriedade de equivalência nas trocas, muito pelo contrário. Essa desigualdade faz parte do imbricado jogo das relações, posicionando seus atores em diferentes hierarquias sociais.

Os modelos das relações econômicas podem se configurar como utilitarista, que funcionam a partir das noções de interesse, de racionalidade, de utilidade. “Nesse sentido, há uma troca completa, de equivalência e esse tipo de troca não gera dívida futura” (GODBOUT, 1998, p. 39). Outro modelo, o holista, seria aquele em que prevalece o bem-estar coletivo. Esse seria o caso da redistribuição de impostos feita pelo Estado. A Dívida aparece como uma terceira via, que é “tudo o que circula na sociedade que não está vinculado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física, mas é o que circula em prol do ou em nome do laço social” (SALLES; SALES, 2012). Mauss concluiu o ensaio sobre a Dívida defendendo essa terceira via.

O que Mauss e a maioria das pesquisas correlatas mostram (GODBOUT, 1998; MARTINS, 2008; ROCHA, 2013), é que a Dívida promove alianças através das trocas e circulações, tanto de coisas e de símbolos, quanto de almas, que carregam elementos dúbios como parceria e rivalidade, interesse e desinteresse, confiança e receio, incertezas, dívidas, gratidão, imbricados por sentimentos e ações, que agem sutilmente para fomentar sociabilidades. Partindo da identificação dessas características, encontradas nos grupos de entusiastas do software livre no ciberespaço, foi elaborada a análise dos processos formativos nessas comunidades, assunto da próxima seção.

2. Pesquisa e Resultados

O ciberespaço é um ambiente propício para a reciprocidade, um lugar de relações, encontros, partilhas, pesquisa e trocas (SOARES, 2015). Essas características já seriam suficientes para pensar a Dívida também no contexto do ciberespaço. Muitas características da Dívida trazida por Mauss não podem ser transportadas para o ambiente virtual, devido às suas especificidades, mas por outro lado, possibilita várias pistas de investigação quando o foco é a compreensão de processos formativos em rede, caracterizados pelas trocas entre os interagentes.

A pesquisa concentrou a investigação em um grupo de entusiastas que se reuniram para trocar experiências e conversar sobre software livre. A maioria dos participantes estavam localizados na cidade de Fortaleza e, por conta disso, escolheram o Grupo Linux Ceará como nome. Embora muitos usuários desse grupo habitassem fóruns e tivessem seus próprios blogs, foi na interface de bate-papo do programa de mensagens Telegram, através de um grupo aberto, que foi coletado a maior parte do material analisado. O Grupo contava ainda com um website e uma página ativa na rede Facebook. O posicionamento do pesquisador em campo foi a de um observador participante.

No grupo pesquisado, o que circulava como dívida era o conhecimento. Era em torno da circulação de conhecimentos que se formavam redes de sociabilidade. Foi nessa perspectiva que a dívida se conectou à educação, aos processos formativos e à aprendizagem. Aquele que ensina dá um pouco de si para o outro. Quem aprende e recebe conhecimento quase sempre nutre gratidão, se torna detentor de um poder que só tem sentido quando posto

em circulação. Essas características apontam para os processos de ensino e aprendizagem como algo maior que seu objetivo fundador, ensinar e aprender. É um fato social que se movimenta em torno da construção e manutenção de relações entre os grupos.

Ao se dispor a ajudar e colaborar, o entusiasta da comunidade não garante retorno para si. Ele sabe o que está fazendo, pode esperar que o seu ato seja útil para alguém, mas há um fator de imprevisibilidade, no aspecto do alcance de quem irá receber, embora se esforce em propagar os seus feitos. Suas ações mostram espontaneidade e obrigação, onde a incerteza é também uma característica. Mas, mesmo incerto, é possível constatar expectativas em relação ao grupo. O caráter didático dos textos publicados pelos entusiastas foi um dado importante para se chegar a essa conclusão. Eles escrevem, doam o seu tempo e sabedoria, para outros que sabem pertencer ao grupo do qual fazem parte. Os participantes recebiam o conhecimento sem ônus, mas aquilo que ganhavam deveria ser repassado a outros e isso era feito de diversas formas, como é o mais comum entre os entusiastas, escrevendo sobre o que aprendeu em um nova postagem, em um novo lugar no ciberespaço. Os trechos abaixo, extraídos do website Viva o Linux, um portal de usuários que usam sistemas operacionais GNU/Linux, referenciado nos dados da Dissertação, mostram as interações dos entusiastas dos softwares livres e demonstram como se dão essas trocas nos seus processos formativos, o dar e o receber:

Muitas pessoas me perguntaram, recentemente, sobre a usabilidade do GNU/Linux em ambientes corporativos, não apenas em relação a servidores, mas, o ambiente como um todo. Resolvi pesquisar um pouco, juntar meus conhecimentos e escrever este artigo para clarear as ideias e ajudar quem precisa. O artigo será um pouco extenso, mas garanto que valerá a pena. (Artigo - GNU/Linux no mundo corporativo)

[...]

Antes de começar este artigo propriamente dito, gostaria de fazer algumas considerações muito importantes. Quando eu decidi escrever sobre o Slackware, já sabia da enormidade do desafio que eu estaria enfrentando, pois escrever sobre a distro mais tradicional dentre todas as distribuições Linux existentes é uma grande responsabilidade. Mas eu prefiro ver esse momento por uma ótica muito mais positiva, vejo-o como uma oportunidade e como um presente que os meus erros e acertos no mundo Linux me proporcionaram. (Artigo - Instalando e arredondando o Slackware)

[...]

Depois de meses de pesquisas e algumas noites em claro, desenvolvi com ajuda de alguns amigos, este material que trata a Alta Disponibilidade. (Artigo - Instalando DRBD + Heartbeat no Debian)

Isso vai ao encontro ao que Mauss (1974) identifica como a construção da reputação, a valorização da honra e do prestígio que retorna no momento da doação:

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, “cortêsias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros. (MAUSS, 2008, p. 263).

As ações e o modo de operar em rede dos entusiastas de software livre, que ocorrem principalmente no ciberespaço, são potentes e justificam o interesse dos pesquisadores da educação em compreendê-los. A contribuição da pesquisa, aqui resumida, está em examinar e analisar essas ações e os elementos constitutivos dos processos formativos

ali identificados, e através dos conceitos do campo da antropologia, demonstrar a estreita relação dos laços sociais e sua importância na formação também no campo do ciberespaço. Trata-se de uma lógica de ações diferentes das encontradas, por exemplo, em sala de aula nas escolas e universidades São processos de formação coletiva, com suas regras e linguagens próprias, que demonstram a força das trocas para a criar novos laços e construir outros modos de aprender no ciberespaço.

Referências

GODBOUT, J. T. **Introdução à Dádiva**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, out. 1998. v. 13, n. 38, p. 39–52.

HINE, C. **Etnografia virtual**. Espanha. O.U.C. 2000.

LEWGOY, B. **A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, 10 dez. 2009. v. 9, n. 2, p. 185–196.

MARTINS, P. H. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. - **Movimento antiutilitarista nas ciências sociais: itinerários do dom**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, fev. 2008. v. 23, n. 66, p. 105–130.

MAUSS, M. **Ensaio Sobre a Dádiva**. São Paulo: EPU, 2008.

RIFIOTIS, T. **Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: O lugar da técnica**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, 2012. v. 12, n. 3, p. 566–578.

ROCHA, G. **Mauss & a Educação**. São Paulo. Autêntica, 2013.

SABOURIN, E. **Educação, Dádiva e reciprocidade : reflexões preliminares**. Jornal do MAUSS, 2008. Disponível em: . Acesso em: 13 abr. 2021.

SALLES, M. Do R. R.; SALES, G. A. F. De. **O sistema da Dádiva nas relações**

comunitárias e a constituição de alianças pelo trabalho tradicional. 2012. Disponível em:
. Acesso em: 13 abr. 2021.

SOARES, A. E. T. **Dádiva e internet:os artífices dos tutoriais de software livre.** Natal -
RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015. Dissertação de Mestrado.